

“SE ELA PODE SONHAR, PODE FAZÊ-LO”: TRABALHO DOMÉSTICO E RESISTÊNCIA NA ARTE DE MARY SIBANDE

Jurema Gorski Brites¹; Mateus da Costa Luz²

Resumo: A partir das obras da artista plástica sul-africana Mary Sibande, este trabalho pretende analisar a narrativa através de sua personagem principal, Sophie, que discute as relações trabalhistas, de gênero e de raça. Mary Sibande, que é a primeira de sua família a cursar universidade e não desempenhar o trabalho doméstico remunerado, mostra através das roupas que vestem Sophie - um de seus alter egos, as características de uma roupa vitoriana contrastando com elementos como o lenço branco (signo de servilidade) e o avental azul (que faz referência a disposição apartada dos corpos e as cores na África do Sul). Esse trabalho se divide em três partes: a primeira conta sinteticamente a história de vida e profissional da artista plástica; a segunda traz uma leitura da trajetória das obras nas fases *blue*, *purple* e *red* e, por fim, uma terceira parte em que faremos um paralelo com história de mulheres trabalhadoras brasileiras, sendo elas Carolina Maria de Jesus, Laudelina de Campos Melo e diretoras da FENATRAD, como expressões de resistências a subalternidade construídas ao longo da consolidação da luta do movimento organizado de trabalhadoras domésticas no Brasil.

Palavras-Chave: trabalho doméstico, arte, resistência, Mary Sibande.

Vamos apresentar uma reflexão incipiente sobre as obras de Mary Sibande, artista plástica sul africana, que retrata a condição das trabalhadoras domésticas em estátuas vestidas, em tamanho natural, moldadas no próprio corpo da artista.

Mary Sibande é a primeira mulher de sua família a cursar universidade e não sobreviver realizando trabalho doméstico remunerado. Suas obras têm percorrido espaços internacionais de exposição - como no Musée d'art contemporain de Lyon, na França e no Frist Art Museum em Nashville, nos Estados Unidos - e apresentam a trajetória de Sophie em esculturas de uma trabalhadora negra, trajando exuberantes vestidos vitorianos na cor azul, contrastando com o lenço e avental brancos. As cores fazem referência às roupas usadas pelos trabalhadores na sociedade inglesa e suas expansões coloniais. O lenço e o avental (signos de servilidade) fazem referência à disposição apartada dos corpos e as cores na África do Sul. As esculturas de Sibande, ao longo de sua obra, mudam de cores. Interpretamos as fases *blue*, *purple* e *red* como um percurso no qual Sophie - num jogo de espelhamento com a própria Mary Sibande, que em

¹ Doutora em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Maria. juremagbrites@gmail.com

² Graduando em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Maria. mclluz@gmail.com

um momento torna-se uma segunda personagem - sai de uma condição resignada para um estado de disposição para a luta, por seu lugar e direito na sociedade. Na obra de Sibande, a trajetória de Sophie remete a experiências comuns relatadas por trabalhadoras domésticas brasileiras na luta por reconhecimento.

Iniciamos com uma sucinta biografia de Mary Sibande. Avançamos apresentando as fases *blue*, *purple* e *red* da personagem Sophie a partir de uma pesquisa documental no acervo online e público da artista plástica. E encerramos com considerações finais.

1. A trajetória pessoal e artística de Mary Sibande

Nascida em 1982 na cidade de Barberton, na África do Sul, Mary Sibande é uma mulher negra, filha, neta e bisneta de trabalhadoras domésticas. Formou-se em Belas Artes pela Witwatersrand Technical College em Joanesburgo no ano de 2004. Atualmente, vive e trabalha em Joanesburgo. Reconhecida mundialmente por seu trabalho como artista plástica, Sibande foi a primeira de sua família a escapar do destino comum que leva mulheres negras ao trabalho servil³ (GONZALEZ, 2020 (1982)). A realidade das predecessoras de Sibande não é diferente das histórias de mulheres negras do Brasil. Dados estatísticos publicados ao longo dos anos mostram que mulheres negras estavam sempre concentradas nas profissões menos prestigiadas. Lélia Gonzalez, no artigo *Pesquisa: Mulher negra*, de 1981, apresentou números que expressavam a continuidade do racismo que é herança dos séculos de escravidão no Brasil. Gonzalez aprofunda sua análise procurando estabelecer o lugar da mulher negra na força de trabalho e diz que “no setor de serviços, encontramos o “lugar natural” da mulher negra que trabalha nas cidades: o emprego doméstico.” (GONZALEZ, 2020 (1981), 194). No entanto, os números atuais ainda persistem em demarcar essas desigualdades de cor, de classe e de gênero: mulheres, negras e pobres são 61,2% na categoria de trabalhadoras domésticas, representando expressivo 3 milhões das 4,5 milhões de trabalhadoras domésticas (DIEESE/IBGE-Pnad Contínua, 2021).

O trabalho de Sibande reconhece a trajetória de suas ancestrais e apresenta um novo significado para a ocupação. Em suas esculturas, representada pela personagem Sophie, a

³ Lélia Gonzalez (1982) diz que mulheres negras não só assumem o serviço doméstico como também estão concentradas em profissões menos prestigiadas e na base da hierarquia racial. Joaze Bernardino-Costa (2008, 70) também mostra como a presença majoritária de mulheres negras no trabalho doméstico é um reflexo da “sobrevivência de hierarquias forjadas no período colonial”.

trabalhadora doméstica passa a sonhar com uma realidade em que deixa de ser invisível e assume o protagonismo e grandiosidade em sua performance.

Em 2008, a artista ganha notoriedade com seu primeiro trabalho: a obra *They Don't Make Them Like They Used To*⁴, a primeira de muitas representações de Sophie. Nela a personagem traja um vestido azul, um lenço na cabeça e avental, estes últimos na cor branca, enquanto tricota uma capa na cor azul com a insígnia do herói dos quadrinhos, o Super-Homem. Premiada e prestigiada, Sibande apresentou sua obra em exposições coletivas e bienais nos mais importantes museus de importantes cidades como, por exemplo, em Veneza, Lyon e Paris. Em março de 2022, Sibande apresenta novas exposições no Musée d'art Contemporain de Lyon e novos trabalhos na Galeria SMAC. As novas obras retratando Sophie mostram a personagem em uma constante transformação. Atualmente se encontra na fase *red*, a última até a escrita deste texto.

2. No percurso de Sophie: as fases *blue*, *purple* e *red*

Sophie é um dos alter-egos de Sibande. A personagem é moldada no corpo da artista em mais de 30 esculturas esculpidas em tamanho real. A personagem é negra e está sempre com os olhos fechados. Os olhos fechados, segundo a artista, permitem que Sophie sonhe com uma realidade diferente.

“Seus olhos estão fechados e ela deve mantê-los fechados o tempo todo. É quando ela pode sonhar. É quando seu uniforme comum de trabalhadora se torna um grande vestido e seus sonhos se tornam realidade.” (SIBANDE em entrevista ao The British Museum, tradução nossa, 2016)

A frase de Sibande nos parece uma releitura do que Carolina escreveu em sua obra mais célebre, Quarto de Despejo. Relacionamos com a seguinte frase de Carolina (2020 (1960), 34): “*Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando*”. O sonho que possibilita essa realidade desejada por Sophie e Carolina, as transporta para uma experiência em que podem ressignificar suas representações no mundo nesse lugar interior de sonho.

⁴ Todo o levantamento das obras da artista foi feito através do site oficial com o acervo de Mary Sibande e acesso ao perfil pessoal da artista no Instagram. As obras podem ser acessadas no seguinte endereço: <<https://marysibande.com/>>. *They Don't Make Them Like They Used To* pode ser visualizada aqui: <<https://marysibande.com/portfolio/a-conversation-with-madame-cj-walker/>>.

As esculturas de Sibande, ao longo de sua obra, mudam de cores. A personagem passa por uma trajetória que, até o momento desta escrita, se divide em três fases: começa pela *blue*, passa pela fase *purple* e se encontra atualmente na fase *red*.

2.1. A fase *blue*

Na fase inicial, a azul, Sophie traja exuberantes vestidos vitorianos na cor azul. O azul do vestido, o lenço na cabeça e o avental aparecem como marcadores da colonialidade. Sophie não é uma representação típica da trabalhadora doméstica. A colonialidade também está refletida no próprio sonho já que Sophie, uma mulher negra nessa condição de servilidade, se imagina com os símbolos da feminilidade europeia.

Imagem 1 - The Wait Seems to Go on Forever, 2009



Fonte: [Acervo Mary Sibande](#)

Em *The Wait Seems to Go on Forever* de 2009, Sophie traja o vestido vitoriano na cor azul com os adornos que fazem referência à servilidade. Na cena, em meio a placa que indica a

parada de ônibus e o lustre que faz o contraste para o sonho embranquecido, ela se prostra diante da espera pelo transporte público. O cansaço das horas trabalhadas está subentendido na coluna curvada de Sophie que espera pelo meio de locomoção que a levará de volta para casa.

Em *Sophie/Velucia in conversation with Madame CJ Walker*, também de 2009, a personagem aparece nos mesmos trajes vitorianos na cor azul enquanto segura fios que a conectam à imagem de Madame CJ Walker. Madame CJ Walker foi uma importante ativista negra estadunidense e primeira mulher negra a se tornar milionária.

Identificamos aqui, em nossa reflexão, a relação com a descoberta pelas trabalhadoras domésticas brasileiras de suas ancestrais do movimento sindical, desde Laudelina de Campos Melo até os símbolos atuais da militância como Creuza Oliveira e Luiza Batista. A relação com essa mentora que lhes apresenta a luta e resistência também pode ser identificada nas experiências que passam a ter com os movimentos negros e sindicatos. Nessas relações suas vidas ganham novos contornos.

Imagem 2 - Sophie/Velucia in conversation with Madame CJ Walker, 2009



Fonte: [Acervo Mary Sibande/Reprodução Instagram](#)

2.2. A fase *purple*

Na fase *purple*, a cor roxa expressa algo. Sibande recorda do acontecido na Cidade do Cabo, em 1989, quando pessoas negras marcharam em protesto contra o *apartheid* e foram atingidas por tintas da cor roxa que eram jogadas pelos policiais. Nos dias seguintes, o slogan "o roxo governará" foi pintado nas paredes ao redor da cidade. Por lá, a segregação racial persistiu por 46 anos e, agora, Sophie está marcada com a cor da luta contra o *apartheid*.

Imagem 3 – *A Reversed Retrogress: Scene 1*, 2013



Fonte: [Acervo Mary Sibande/SMAC Gallery](#)

A escultura que abre a fase *purple* é *A Reversed Retrogress: Scene 1* de 2013. Nela Sophie - ainda com vestido vitoriano e adornos relacionados à servilidade - estende seu braço direito em direção a uma figura na cor roxa. A figura na cor roxa também é uma mulher negra, mas o seu vestido é adornado por longos fios que parecem tentáculos. Podem também significar raízes, como se essa mulher estivesse fortalecendo-se ao ressignificar sua história. Sibande diz:

“Ela se recusa a ser trabalhadora doméstica. No momento ela não é uma trabalhadora doméstica, ela é sua própria força e ao mesmo tempo, ela está olhando para essa figura roxa que é ela. E a figura roxa é uma nova figura. A figura roxa sempre vem com um exército dessas criaturas, então esses são seus bebês”. (SIBANDE em entrevista ao The British Museum, tradução nossa, 2016)

Em uma simbiose da Sophie do passado na cor azul e a Sophie do presente na cor roxa, a personagem se transmuta. Ela deixa para trás os símbolos da servilidade e assume por inteiro uma vestimenta na cor roxa. Em *A Terrible Beauty is born*⁵ de 2013, a personagem é vista se despindo do avental e lenço na cabeça. A cena é composta por tentáculos e representa o nascimento dessa nova imagem de Sophie que passa a contar sua história. Sibande conta que nessa cena nem ela identifica o que são esses tentáculos. A artista queria criar algo que representasse um começo. Ela diz que as criaturas são como se olhássemos em um microscópio, tentando reconhecer outras Sophies. Então, esses tentáculos também podem representar um embrião ou algo que está prestes a se nascer. (SIBANDE em entrevista ao The British Museum, 2016)

Em uma sequência de esculturas, Sophie aparece liderando cães na cor vermelha, como se ela estivesse indo à luta. A sequência de três esculturas começa com *Cry Havoc!* (ou “atacar!” em tradução livre), passa por *Let Slip the Dogs of War* (Soltem os cães de guerra, em tradução nossa) e culmina em *Right Now!* (“Agora mesmo!”, em tradução literal para o português). Nelas Sophie guia seus cães para que enfrentem aquilo que a ameaça. Por fim, temos a escultura *Ascension of the Purple Figure*, de 2016, em que Sophie sobe no alto de um púlpito. Na obra, os trajés de Sophie já apresentam indícios da próxima fase, a da cor vermelha.

Imagem 4 - Right Now! de 2015



Fonte: [Acervo Mary Sibande](#)

⁵ *A Terrible Beauty is born* pode ser acessada aqui: <https://marysibande.com/portfolio/a-terrible-beauty-is-born/>

2.3. A fase *red*

Na fase mais atual, Sophie aparece com trajés modernos na cor vermelha. Ela não é mais a trabalhadora que sonhava com uma realidade similar à de suas empregadoras. Ela parece mais com uma guerreira de filmes de ação e, de fato, está em guerra. A luta é uma canalização das dores e violências de trabalhadoras que podem, através de suas próprias trajetórias na militância, alcançar as mudanças que almejam. O vermelho, segundo a artista, significa raiva. Sibande diz: “*Sophie se veste de vermelho, a cor da raiva, ao dar forma ao descontentamento popular e à contínua agitação civil por toda a África do Sul.*” (SIBANDE em entrevista a Grace Ebert, em 2020, tradução nossa).

A primeira escultura da fase vermelha se chama *In the midst of chaos, there is also opportunity*⁶, de 2017. Nela Sophie aparece montada em um cavalo rodeada de seus cães vermelhos e aves que estão em confronto com soldados. Os soldados também foram moldados no corpo da artista. São na cor verde imitando soldadinhos de plástico de brinquedo e, ao contrário de Sophie, montam em um cavalo de pau.

Imagem 5 - The Domba Dance, 2019



Fonte: [Acervo Mary Sibande/Anthea Pokroy](#)

⁶ *In the midst of chaos, there is also opportunity* pode ser acessada aqui: <https://www.instagram.com/p/BZ1JrRNF3V4/>

Em *The Domba Dance*, de 2019, Sophie está no trono vestindo uma armadura que cobre seu tronco e uma coroa de tentáculos vermelhos que cobre seu rosto. Ao seu lado estão os cães que abriram o caminho para sua ascensão. Na parte superior da cena, os braços que representam as muitas Sophies de sua trajetória que registram não só as etapas que precisou experienciar, mas também fazem referência às muitas mulheres que vieram antes.

O nome da obra, *The Domba Dance*, refere a um ritual de iniciação de mulheres *venda* em que alcançam a vida adulta nessa celebração que reúne outras mulheres da aldeia. O rito é feito em uma dança circular em conjunto em que os braços dessas mulheres estão entrelaçados.

3. Considerações finais

As obras de Mary Sibande contam, através da trajetória de Sophie, aquilo que nós relacionamos com a trajetória de trabalhadoras domésticas brasileiras. Identificamos nessas trajetórias uma história comum de trabalhadoras domésticas sindicalistas que iniciam muito cedo no trabalho doméstico e são privadas de suas infâncias para cuidar das casas de outras famílias. Com o passar dos anos, sofrem violências e não têm seus direitos respeitados. Elas sonham com uma realidade diferente e, nessa fase, é como se estivessem vestindo o azul de Sophie.

Na vida adulta encontram um espaço de resistência e reexistência, pensando no que escreveu Joaze Bernardino-Costa (2008). Esse espaço é a militância. Relacionamos essa etapa com a fase roxa, de transformação, início da luta e conexão com as que vieram antes.

Por fim, liderando sindicatos e participando de eventos que transformam profundamente a realidade da categoria, essas mulheres tornam-se símbolos de uma luta e referência para novas lideranças. Para nós, Creuza Maria de Oliveira, Luiza Batista Pereira e Laudelina de Campos Melo, assim como tantas outras lideranças do passado e de hoje, estão trajando o vermelho. Na fase *red*, Sophie alcança o espaço de liderança sem esquecer das muitas que foi e de outras mulheres que foram importantes em sua trajetória. Nesta etapa, as militantes recebem e amparam jovens trabalhadoras domésticas que ainda estão na fase azul. Sophie é um retrato da trajetória de militância de trabalhadoras domésticas brasileiras.

Referências Bibliográficas:

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil: um movimento de resistência e re-existência. *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*, nº 20, 2008, 69-90.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). Trabalho Doméstico no Brasil, [S.l.], 2020.

EBERT, Grace. Sprawling Roots and Richly Hued Gowns Permeate Mary Sibande's Postcolonial Artworks. *This is Colossal*, 15 jun 2020. Disponível em: <<https://www.thisiscolossal.com/2020/06/mary-sibande-sophie-installations/>>. Acesso em: 11 dez. 2021.

GONZALEZ, Lélia. (1981) Pesquisa: Mulher Negra. In: _____. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização: Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 191-196.

GONZALEZ, Lélia. (1982) A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: _____. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização: Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 49-64.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. PNAD Covid-19: Trabalho. [S.l.], 2020. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 1ª ed, 3ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2020, p. 34.

SIBANDE, Mary. A Reversed Retrogress: Scene 1. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CLJMPUjDz4S/>>. Acesso em: 3 abr. 2022.

SIBANDE, Mary. Right Now!. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B8udPhGDX94/>>. Acesso em: 3 abr. 2022.

SIBANDE, Mary. Sophie/Velucia in conversation with Madame CJ Walker. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CEjh2K4DQk7/>>. Acesso em: 3 abr. 2022.

SIBANDE, Mary. The Domba Dance. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Caz_jcusvur/>. Acesso em: 3 abr. 2022.

SIBANDE, Mary. The Wait Seems to Go on Forever. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CC73aWHjpn2/>>. Acesso em: 3 abr. 2022.

THE BRITISH MUSEUM. A Reversed Retrogress: Mary Sibande. *Youtube*, 25 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8C5YHIOHqus>>. Acesso em: 13 nov. 2021.